

Apresentação

*Prof. Dr. Claudionor Renato da Silva (UFT/ CUA)
Organizador do Dossiê*

DISCUTINDO INFÂNCIA E CRIANÇA NO NORTE DO BRASIL

A RELPE lança seu Dossiê n.º 1 ao mesmo tempo em que fecha o seu terceiro caderno de artigos, ininterruptamente, com previsão para indexação no Portal de Periódicos da UFT para o final de janeiro de 2017.

A ideia aqui, neste primeiro dossiê é o de reunir grupos de pesquisa que tenham como linha e/ou foco de pesquisa maior, a infância, a criança, a educação infantil.

Como docente do curso de Pedagogia e editor da RELPE é uma honra apresentar ao público leitor, interno e externo ao Campus de Arraias e da UFT, um conjunto de trabalhos que reuniu um grupo de pesquisadores da região norte do Brasil, convidados por mim, para compor uma primeira tentativa de formação de uma Rede de estudos e pesquisas no tema da infância e da criança. Não é representativo de toda a região norte, obviamente. Encontrei dificuldades em localizar grupos de pesquisa, alguns retornos de e-mail não ocorreram e a intensa atividade docente, mesmo aqui, internamente, no próprio colegiado, tornou inviável uma representação maior; e sei que temos muito mais pesquisadores e pesquisadoras da infância – criancólogos e criancólogas - tanto da UFT quanto nas demais universidades do norte; mesmo aqui, em meu próprio Campus, onde meus colegas têm produzido muitas pesquisas, projetos de extensão, Trabalhos de Conclusão de Curso, orientações e produções no PIBID, enfim, em que o tema da infância é recorrente e tem exigido de nós, docentes e pesquisadores(as) muita atenção aos referenciais, às metodologias e, sobretudo, no atual momento político e econômico do país, Na preocupação quanto ao futuro dos financiamentos e o temor de retrocessos de muitas conquistas já alcançadas pelo movimento social em favor da infância e da criança. Então, repito: os artigos deste dossiê é uma primeira tentativa de aproximação de grupos de pesquisa e produções sobre a infância e a criança e ainda não representa a totalidade da região norte do Brasil, nem do Câmpus de Arraias, nem da UFT em seus mais diversos Câmpus.

É importante destacar o papel do nosso curso de Pedagogia em Arraias, Tocantins, com a criação do curso de Especialização em Educação Infantil, iniciado em 2015/2016 promovendo formação continuada a professores da rede pública e egressos dos cursos de Pedagogia da UFT.

O curso já está com sua segunda turma para início em fevereiro de 2017 e tem como proposta a solidificação da linha de pesquisa em Educação Infantil para nosso tão sonhado futuro Mestrado em Educação no Câmpus de Arraias. Um dos próximos Dossiês contemplarão os artigos de Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização que estão sendo executados pela primeira turma no modelo de Projeto de Intervenção Local (PIL), em que temos primado pela localização de uma problemática, buscando soluções para esta, a partir da literatura acadêmica e da produção de conhecimento existentes.

Mas afinal, o que queremos discutir sobre infância e criança aqui no norte do Brasil? Que temas ficaram de fora deste Dossiê e que precisamos perseguir como focos de pesquisa, da graduação à pós-graduação?

Tenho a ousadia de afirmar que podemos ter uma produção de conhecimento com pesquisadores(as) do norte, falando sobre o norte; uma representação de infância e de criança que só tem aqui e em nenhum outro lugar. Algumas perguntas/questionamentos: o que pensam as crianças indígenas do norte? Qual, quais culturas infantis estão aí presentes? O que fazem as crianças quilombolas? Qual a cultura infantil negra do norte do Brasil? Qual a cultura negra amazônica? Em que se diferencia da criança acreana ou tocantinense? Nos espaços de fronteira, que papel o idioma ocupa na vida cotidiana das famílias e, portanto, das crianças e o que a escola faz sobre isto? E uma questão muito importante: e como se dão as relações étnicorraciais em estados do norte, por exemplo, como o Tocantins, de maioria negra e minoria branca? O que pensam as crianças brancas e como se sentem no dia a dia da escola da educação infantil? Qual o público da Educação Especial no norte brasileiro? Qual a preocupação com a formação de professores na perspectiva da Educação Especial?

Tão mais importante quanto isto, pergunto: temos escolas rurais ou escolas do campo no norte brasileiro? E como fica a realidade das salas multisseriadas diante das especificidades da educação infantil e o perfil dos professores e professoras, considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2009, ratificadas em 2013 pelo Ministério da Educação? Como vem acontecendo a alimentação, o transporte, a higiene, na educação infantil das escolas tanto urbanas quanto rurais do norte brasileiro? Qual aparato médico recebem os professores(as) que trabalham com as crianças pequenas no norte do Brasil, por exemplo, vacinas e processos/procedimentos de saúde pública junto às crianças?

E eu poderia enumerar mais uma dezena de perguntas e de investigações motivadoras, que são urgentes e necessárias aqui no norte do Brasil. Concordo com as prerrogativas dos órgãos de fomento de pesquisa que temos que ser mais gerais, mais amplos, diversificados, mas por outro lado, o específico e a especificidade tende a ficar diminuída neste cenário, de modo que, lançar um olhar mais detido sobre uma realidade mais específica, localizada, é um dever da universidade enquanto locus de transformação social. Por isto a especificidade sobre o norte do Brasil. Penso que podemos perseguir este foco.

Estas justificativas me ajudam a responder à segunda questão quanto ao que ficou de fora neste dossiê – embora pareça ter ficado claro nas questões/perguntas realizadas - não porque se resolveu fechar em alguns temas. Ao contrário. Como disse logo no início desta Apresentação faltou contatos, faltou o conhecimento sobre o que nossos colegas produzem sobre a infância e a criança da região norte do Brasil. Ficou de fora aqui as crianças indígenas, as crianças ribeirinhas, o (re)conhecimento, identidade e política voltadas às crianças negras e outras minorias (ou majorias) étnicas; a formação de professores em licenciaturas interculturais, em licenciaturas para o campo; as relações de gênero e sexualidade; direitos humanos, sustentabilidade, enfim. Mas isto não impede de se reconhecer que o presente dossiê abre um espaço e uma oportunidade para que se pense nossa realidade e se busque identificar o que diferencia e o que é diferente no contexto do norte. E, de fato, aí está a riqueza e potencialidade.

Nossa primeira contribuição vem de Rondônia: o GEP (Grupo de Estudos Pedagógicos) da Universidade Federal, Campus de Rolim de Moura. Bianca e Luana apresentam um texto sobre as experiências infantis. Tem como ponto de partida, processo e chegada a ideia do distanciamento da “infância como etapa, como fase” e, portanto, apontando caminhos para uma conceituação de infância para o norte brasileiro como sendo aqueles das individualidades e das especificidades, ou seja, uma infância que as caracteriza e que elas revelam aos pesquisadores(as) e não o contrário: os pesquisadores seguem as crianças; as crianças deixam “rastros”, nas imagens por elas deixadas.

O Prof. Dr. Rubenilson, da UFT de Porto Nacional nos apresenta a infância junto a duas outras vertentes – pontas outras que formam um trança! - : a literatura e a mediação docente para formação de leitores. E que trança é esta? A trança tecida de uma educação

emancipatória, que percorre a formação do indivíduo na coletividade e, portanto, na diversidade sexual que nos perpassa – e assim deve ser, desde a educação infantil – na construção de uma sociedade menos sexista e mais solidária; menos violenta e preconceituosa e mais atenta à diversidade, no sentido mais amplo possível e abrangente. Isto faz, Rubenilson, como poeta, também poetizando, em todo o texto, demonstrando perfeita sintonia com aquilo que é infantil: a abstração e a criatividade que traz leveza à vida.

Renata, Bianca e Fábio são da Universidade Federal de Rondônia. Apresentam um texto que relata a formação de professores(as) para a educação infantil, a partir do Seminário sobre a infância (SEMIN) originado em 2012 no Grupo de Estudos Pedagógicos, o GEP, Campus de Vilhena. É fundamental a concepção de infância construída ao longo destes anos com o SEMIN: a infância diversa, imprevista, inesperada que lança ao professor(a) e ao pesquisador(a) a tarefa de “se experimentar” e também de “se colocar em um outro espaço, em um espaço de estranhamento, em um espaço estrangeiro”. Na concepção de infância que propõem, colocam o(a) docente como aquele que precisa de “reinventar” e se “aventurar” com o propósito de cegar-se ao homogêneo e passar a perceber a diferença, o diferente, as especificidades, ou seja, ver o que nunca conseguiu ver ou o que nunca se quis ver.

Viviane Drumond, da UFT Miracema, com a proposta de se pensar os futuros professores ou os professores em formação traz o destaque dos estágios na educação infantil, como etapa da formação nos cursos de Pedagogia. Esta análise é fundamental, no sentido em que, partindo de uma concepção de infância que dê à ela voz e vez, permite ao profissional em formação evitar alguns erros de profissionalidade futura, como o “controle” da criança. Possuir e adquirir no Estágio Supervisionado concepções não regulamentadoras clássicas implica na especificidade de identificar e compreender “as relações entre os sujeitos: adulto-adulto, adulto-criança e criança-criança, que conferem sentido à existência das instituições educativas”. E o que é isto senão uma proposta do que Viviane Drumond chama de Pedagogia da Infância?

Vanderlete e Ivanilde, em seu primeiro texto neste Dossiê, falam do Direito à creche, trazendo para nós uma reflexão que nos permite pensar uma concepção de infância pelo crivo do Direito, do Direito das Crianças, e não o lado econômico que permeia a posição do gestor público, seja ele o Secretário da Educação ou diretor escolar. Penso que a voz das mães também traduzem uma concepção de infância que precisa ser apreendida pela educação escolar. O segundo artigo que o grupo de pesquisa das autoras trazem ao dossiê discute um tema de suma importância: os bebês das camadas mais pobres atendidos nas escolas de educação infantil. Sem dúvida, a fundamentação histórica é imprescindível para a compreensão do presente, mas não só para “ficar sabendo”, mas para alterar o estacionário, o cômodo, o estabelecido. O encontro do histórico, do que era, e as perspectivas atuais advindas dos documentos oficiais do Ministério da Educação para a educação infantil são os materiais sobre os quais a gestão e o professorado precisam se debruçar para que sejam estabelecidas a justa qualidade educacional que os bebês das camadas mais pobres do Amazonas merecem, tanto eles, quanto seus pais e responsáveis.

Sobre as “Práticas Pedagógicas de Educação em Ciências na Educação Infantil”, Mônica e Lucinete da Universidade do Estado do Amazonas discutem um tema fundamental no norte do Brasil que é a sustentabilidade. Trabalhar esta temática desde a educação infantil e junto disto a concepção de infância que se busca construir, sobretudo sobre a escassez da natureza e o futuro das gerações, convocam professores e gestores quanto ao seu papel na educação escolar. Como demonstram as autores, conhecimentos científicos em ciências são o desafio a ser construído com os(as) docentes na tentativa de não serem negados às crianças saberes, desde a educação infantil, que unam a sustentabilidade e a educação como fatores indissociáveis e não fragmentários como se vê e a própria pesquisa demonstrou. Segundo as autoras: “Entendemos que para a proposição de experiências formativas às crianças com as

ciências, o docente de educação infantil precisa estar munido de subsídios teóricos numa relação recíproca com sua prática pedagógica”.

Finalmente, o último artigo que fecha o Dossiê é uma contribuição pessoal a partir do GEPGSEX, grupo de pesquisa que lidero aqui na UFT Arraias em que temos uma linha sobre Infância e Criança para discussões de pesquisa e geração de teorizações pelo método da *Grounded Theory*. Proponho frentes de pesquisa ou um programa de pesquisa com bebês e crianças pequenas. Espero ter colaborado com este texto motivando pesquisas aqui no norte do Brasil, assim como temos feito no estado do Tocantins e nordeste goiano.

Nosso próximo desafio é a organização de um evento em Rede na temática da infância, reunindo universidades do norte do Brasil, na tentativa de iniciação de intercâmbios de pesquisa e produção de conhecimentos teóricos e de experiências, ao lado de interesses nas políticas públicas para a infância e a criança no norte do Brasil.

Quero agradecer aos contatos efetivados com as(os) colegas de Rondônia e Amazonas; conto com vosso apoio para difundirmos a ideia da Rede e agregarmos outras universidades do norte, pública e privada. Temos, com certeza, potencial e muita capacidade para isto, contudo, precisamos “trans-murar” a universidade do norte do Brasil e nos aventurarmos em pesquisas de parceria que se aproximem de cada bebê, de cada criança, de cada família, de cada professor(a), de cada gestor(a) público(a) de modo a garantir, dentro do atual quadro que se desenha, de teto/corte dos gastos públicos, no sentido de manter e superar a qualidade do atendimento da criança na escola da educação infantil que necessariamente passa pela categoria de investigação “infância” e “criança”.

Boa leitura.

A RELPE aguarda vossas críticas e sugestões ao dossiê. Aguarda também contatos das demais universidades para organização de um primeiro evento em Rede, para 2017 ou 2018, prosseguindo a discussão sobre infância e criança no norte brasileiro.